

## **A missão do velho Troupas**

O velho Troupas foi o único que não saiu da casa da Malta. Aquela era a sua casa.

Continuou ali dia após dia procurando meios para se sustentar.

A casa da Malta era simples, parcialmente em ruínas, com cheiro a mofo e maioritariamente com vidros estilhaçados. Chamava-lhe a atenção uma estante bastante singular, onde se encontravam alguns livros antigos, cobertos de pó em avançado estado de degradação. Existia uma lombada de um livro que era irradiada pelo sol, o que lhe despertava o olhar e a curiosidade.

Numa certa tarde de verão, com raios de sol intensos, o velho Troupas não resistiu à singularidade da lombada daquele livro e sentou-se numa cadeira deteriorada e começou a desfolhá-lo. Imediatamente percebeu que se tratava de um diário de alguém que já teria passado pela casa. Isso tornava-se um mistério!

Não descansou, pois, enquanto não leu o diário, acompanhando a sua leitura com um copo de cachaça.

Aquele diário era um testemunho de alguém que vivera toda a sua vida atormentada, como não se pudesse expressar. Quem seria? Começou a ler a velha página humedecida e gasta. Nela as palavras do passado adivinhavam-se de desespero.

*Serra da Gardunha, 28 de dezembro de 1973.*

*Não aguento mais!*

*Hoje finalmente cheguei à Serra. Estou quase em Espanha. Já consegui vero país vizinho do ponto mais alto da serra. É perto.*

*Estou a viver no meu íntimo um sofrimento profundo. Faltam-me as palavras para descrever toda esta perseguição. Estes têm sido os momentos mais obscurecidos da minha vida. Ter de fugir, de deixar a minha casa, trazer apenas a roupa do corpo.*

*Esta noite sonhei que estava outra vez a ser perseguida pela PIDE. Foi um autêntico pesadelo.*

*Vou permanecer nesta casa até chegar o momento mais oportuno. Não deitarei tudo a perder.*

*Amanhã espero estar em Espanha, em plena paz e liberdade.*

*L.M., vítima de Salazar.*

Lendo estas palavras e tantas outras que povoavam aqueles escritos, o velho Troupas apercebeu-se da imensa dor em que esta mulher tinha vivido durante a Ditadura.

- Será que conseguiu chegar à terra prometida? - pensava Troupas.

Com este diário na mão, sentindo todas as dificuldades daquela mulher que relatava toda a insegurança vivida na época de salazarista, Troupas sentiu a necessidade de tornar este diário público. A revolução chegara, mas para muitos ainda era desconhecida. Ele tinha sabido na taberna, vira os homens de gravata na televisão e ouvira as músicas de resistência. A reforma agrária chegara, mas não lhe tinha calhado grande coisa. A sua vida ficara igual. Agora que acompanhara os dias da autora daquele diário percebeu que muitos lutaram por um país melhor. Para quem não testemunhou esta época, aquele diário oferecia a oportunidade de retratar a realidade que se fazia sentir em Portugal naquela altura.

- É preciso que saia daqui!

Colocou o diário num cesto, como se tivesse a guardar uma relíquia, e dirigiu-se ao café da aldeia.

- Bom dia, Troupas. Vai o fino habitual? - perguntou o proprietário.
- Não. Hoje, por muito estranho que pareça, venho informar-me acerca de uma mulher que se refugiou na casa da malta no tempo da ditadura. Queria fugir para Espanha. Uma tal L.M. Sabe alguma coisa desta mulher?
- Não sei se isso se trata da mesma mulher, mas o que é certo é que, pouco antes da revolução, apareceu uma morta na casa da malta. Nunca se soube a sua identidade. Veio a polícia. Levaram-na para a morgue da vila.

Troupas ficou indignado com o desfecho desta história. Que mulher aquela! Que época trágica que pôs o ponto final nas vidas de tantos inocentes. Houve mulheres, como ela, que viveram anos perseguidas nas grandes cidades, sem o direito da liberdade. Morreram a procurar a paz e este país esqueceu-as.

Porém, ele tinha de fazer alguma coisa com o objeto que encontrara. Ele iria fazer a diferença. Aquela história iria ser publicada, custasse o que custasse. No dia seguinte, resolveu vestir a única roupa que lhe restava e que deixara em casa do seu amigo Joaquim. Iria à cidade, onde o médico, que bem o conhecia, lhe indicaria a porta onde bater.

Assim foi. Era a porta da rua do Alecrim, onde o esperava o famoso editor. Era o mesmo que publicava os livros que o médico escrevia. Deixou-lhe o diário, envolto em folhas de jornal velho. Era o mais digno que tinha encontrado no caminho.

Naquele dia que amanheceu chuvoso, Troupas acendia o seu cigarro no canto do saguão. Vinha a mulher da venda chamá-lo para atender o telefone. Era da tal editora. O diário iria ser lançado. As lágrimas vieram-lhe aos olhos e a sua voz falhou-lhe. Troupas não estava a acreditar. Ao fim de tantos anos desamparado, viu-se a fazer algo que realmente tinha valido a pena. Fizera-o sóbrio, sem álcool e com intenção de bem.

Pela tarde, regressou à cidade para tratar dos papéis. Parou no consultório para agradecer ao Dr. Fernando, que agora partia para Monsanto, um lugar longínquo na fronteira, onde muitos fizeram o salto, através de pedregulhos imensos e serras agrestes.

Era final de dia e queria resolver as coisas. Afinal de contas, quanto mais rápido o fizesse melhor.

Passara o testemunho de uma época. Quem diria? A história daquela mulher falava por si.

Era um velho, sabia-o bem. Podia morrer. Alegrou-se, pois.

Estava cumprida a sua missão de vida.